

A Inteligência Artificial na Contamão do Colonialismo Digital

Mauro Oliveira, Professor IFCE

Fortaleza, 12 fevereiro 2025

(Dedicado ao Dr **Marcelo Alcântara**, medalha Abolição, inventor do Elmo, um cientista que salva vidas)



Você, eu não sei, ... mas eu fui pego!

Aos poucos, sem perceber, de repente. Um dia acordei e percebi que, mensalmente, estava patrocinando a Microsoft (Office), a Netflix e a Amazon (cancelar dá mais trabalho que pagar ... rsrs), o Google (meu HD virou um pedaço da nuvem deles) e ainda enviava U\$20 (antes do DeepSeek aparecer) para o Sam Altman do ChatGPT ficar na lenga-lenga com o Elon Musk, um querendo comprar o “brinquedo” do outro.

Mas prometi ao meu espelho: precisamos dar um jeito nisso!

Você, eu não sei, ... mas acho que sou um adicto digital!

Refém de artefatos computacionais alienígenas que só tendem a se multiplicar. Toda vez que tento escapar de algum desses serviços, bate o desespero: volto correndo, cartão à mão, preso no ciclo infinito de dependência digital para manter minha vida tecnológica minimamente funcional.

Mas prometi ao meu espelho: precisamos dar um jeito nisso!

Você, eu não sei, mas tenho um sentimento de perda sobre ...

A “República das Bananas continua a alimentar o inimigo” (Brasil é a 9^a economia mundial baseada em commodities e detém a 89^a posição no IDH). Isso vem do tempo em que formamos a primeira turma de mestres em computação no Ceará, nos anos 90. Feroz como um raio em mar revolto, chega a Microsoft e leva para os EUA toda a reca de mestrandos com os quais viramos noites, café a dentro, nas orientações das dissertações. Enquanto a mídia comemorava, eu me sentia um Mozart abraçado por Salieri: imaginava nossos queridos “nerds” fortalecendo as heroicas empresas locais de TIC. Que nada: mais “bananas” para quem nos vende tecnologia a preço de ouro!

Mas prometi ao meu espelho: precisamos dar um jeito nisso!

Você, eu sei que você sabe ...! Hoje vemos uma fuga de cérebros sem igual, de ouvir falar pois nossas instituições de Ensino, Fomento, PD&I não possuem dados nem acompanhamento de egressos. Várias famílias com grana, que conheço, tem filhos, muitos deles formados com recursos

públicos, morando no exterior ... a maioria sem planos de volta (calma aí que isso não é uma crítica, é apenas uma constatação).

Pra entornar o caldo de bila, tem ainda a “volta dos que não foram”, a fuga de cérebros virtual. As gigantes big-techs contam com a colaboração inocente-útil de países como o Brasil. Os grandões digitais não perdoam: “compram” nossa inteligência para depois nos vender caro o que é produzido por nossos meninos “medalhas de ouro” nos oudos da província!

Nosso país, craque em "doar" cérebros, precisa de políticas públicas de inovação capazes de manter nossos talentos a serviço de nossas empresas e dos interesses de nossa terra, e não terceirizar o futuro. Precisamos de Ecossistemas de Inovação "colaborativos".

A chegada disruptiva da Inteligência Artificial Generativa, usada por muitos mas ainda não compreendida pela maioria, se apresenta como uma oportunidade rara para TAMBÉM surfarmos nessa revolução social e econômica em vez de ficarmos na areia aplaudindo ou boiando sem prancha.

As universidades públicas não foram feitas para serem espelhos da sociedade, mas sim seu farol. Financiadas pelo “nossa suor de cada dia”, são espaços de inovação e reflexão, com a missão de antecipar desafios e propor respostas, e não de "dar milho aos pombos" enquanto o mundo lá fora reinventa o futuro. BORA se movimentar, pessoal, debater o futuro, atualizar currículos, avisar aos estudantes sobre ameaças e oportunidades, sobre as profissões que vão desaparecer e as que serão inventadas. Explicar o que é AGI e Singularidade, conceitos que vão afetar todas as áreas, toda a sociedade.

Já nossos governos parecem confortavelmente presos à Caverna de Platão, de costas para a realidade, acorrentados ao medo do desconhecido, observando sombras enquanto a IA molda o mundo — com ou sem a nossa assinatura tupiniquim.

Falta-nos cultura inovadora, visão estratégica e coragem para enxergar o óbvio e romper com nosso colonialismo provinciano: se não criarmos, seremos somente consumiremos. Se continuarmos pisando no freio, nos tornaremos apenas clientes VIP da revolução dos outros.

Mas muita calma nessa hora! Ainda há tempo. Nossa juventude é criativa, resiliente e capaz de competir com qualquer um. O problema nunca foi talento – foi oportunidade e ação estratégica associadas a políticas públicas no lugar certo, na hora certa.

A Inteligência Artificial (IA) não é apenas um desafio tecnológico; é uma encruzilhada histórica que nos obriga a decidir quem queremos ser como sociedade. A escolha está dada — e a IA não espera.

Você sabe, eu sei ... : precisamos dar um jeito nisso!